

(16) Lopes, Gustavo de Bivar Pinto

Respostas ao questionário etnográfico ...

Gov. do Território da C.ª de Namíbia. Beira, 1928

DIVERTIMENTOS

Quais as distrações a que os indígenas se entregam com mais frequência?

Música: instrumentos musicos?

Dança: os sexos dançam separados ou dançam em promiscuidade?

Teem festas periódicas e em que épocas?

Reúne-se muita gente nessas festas?

Organizam danças nas povoações?

O que celebram nos seus cantos? Feitos de guerra, trabalhos que executam, cantares em que ridicularizam os outros, etc.?

Costumam organizar paródias, mímicas, etc.?

Teem histórias que contam às crianças? Qual o espirito dessas histórias?

Teem fábulas, ou quaisquer histórias em que celebram o espirito e a moral de animais?

Teem cantares obscenos?

Teem jogos? Descrição dos jogos mais vulgares?

Em que se entretêm os rapazes durante o dia? No manejo de armas de guerra? Em fazer imitações de povoações? Em correrias? Na caça, etc.?

As raparigas em que se entretêm? Usam fazer bonecas?

Teem adivinhações? Passatempos de prestidigitação ou qualquer ilusionismo?

A distração predilecta dos indígenas é a dança e concomitantemente a música. É preciso que um homem ou uma mulher, de qualquer idade que seja, esteja inteiramente impossibilitado de se mover, para resistir ao apêlo do batuque. Machileiros e carregadores, que se diriam extenuados por um longo dia de marcha, não resistem a tomar parte numa festa que encontrem, e até às vezes, sobretudo se há luar, pedem para cantar e dançar uns com os outros à falta de mulheres e de tambores.

Os instrumentos musicos são bastante variados. Os principais, aqueles que constituem a base de todas as festas e delas são a alma, são os tambores ou batuques de vários tamanhos e feitios, feitos dum tronco tornado ôco, tendo uma ou ambas as extremidades cobertas com uma pele de cabra, antilope, leão ou, a melhor de todas, de orelha de elefante. A pele é secura por meio de cavilhas de madeira pregadas abaixo da borda do tambor; e, para lhe dar o tom desejado, costumam pôr-lhe no centro cera e própolis aquêcido ao lume.

Os batuques são geralmente cilíndricos; alguns porém teem uma das extremidades em cone truncado. Alguns, providos de pele só dum lado, teem o outro recortado em ameias. Os nomes são diversos, e os fins também variam: há batuques para chamar e reunir, há-os para cada espécie de danças, há-os para avisar as povoações próximas da passagem do leão, etc. Os principais chamam-se: *Biviri* (em Manica, Chimoio *combuchimui*), grande batuque de guerra usado mesmo na paz para chamar e reunir gente: *gunte*, *quinde*, *gunguind*: (jogo de três tambores de tamanhos diversos) *mãungo* (usado em danças fúnebres), etc.

O nome genérico do tambor é *ngôma*.

Um instrumento muito usado é o *sanzi* ou *mbira*, que se compõe duma pequena tábua, tornada ôca de maneira a formar uma caixa paralèloipédica, achatada, aberta dum dos lados mais estreitos. Sôbre um dos tampos e do lado oposto ao da abertura, uma varinha de ferro, sólidamente segura à caixa por meio de arame, fixa uma série de lâminas, também de ferro, de tamanhos desiguais, as quais ficam entaladas entre a vara e a testa do instrumento, alteada duma tira de madeira ou de bambú, e sôbre uma travessa de ferro, prêsa à caixa a pequena distância da vara. As lâminas são aguçadas na extremidade livre, e formam dois renques de teclas, se assim lhes posso chamar. Na parte inferior do mesmo tampo costumam pôr uma lata com pequenas conchas enfiadas, para melhorar o som. As lâminas são encurvadas para cima para facilitar a dedilhação. O tocador pega no instrumento com três dedos de cada mão, e dedilha as lâminas com os polegares e os indicadores. Às vezes o *sanzi* é metido dentro duma casca sêca de abóbora servindo de caixa de ressonância.

Há artistas que chegam a tocar o *sanzi* com desembaraço e destreza; mas nem o som nem as músicas, duma estranha desarmonia, podem agradar a ouvidos europêus.

O *chidangare* ou *nhacatangare* é um instrumento formado por uma varinha de bambú encurvada, tendo as extremidades ligadas por um fio de latão. Colocada uma das extremidades na bôca, e segura com a mão esquerda a outra extremidade, as vibrações são produzidas pelas pancadas duma varêta.

Uma espécie de fruta de Pan, *nhanga* ou *sure*, formada de pequenos bocados de cana de tamanhos desiguais, é usada em certas danças. Geralmente o tocador alterna os sopros na fruta com sons emitidos pela própria laringe. Os *chêngüês* usam canudos de tamanhos desiguais (*machâua*), que fazem o efeito da *nhanga*, mas sendo cada canudo soprado por uma pessoa.

Há ainda uma flauta de cana, *muturo* ou *muranja*, e o *chizanve*, que é um arco de madeira, retesado por uma tira de palma, e com ranhuras na parte interna. Uma das extremidades mete-se na bôca, e as ranhuras são esfregadas com uma vareta, ao passo que a abertura da cavidade bucal determina a maior ou menor altura dos sons.

Dindua é outro instrumento, formado também dum arco, maior que o *chidangare*, em que a corda é substituída por um fio de latão. A meio do arco o fio é ligado àquele por outro fio que segura uma pequena cabaça que serve de caixa de ressonância. Esta caixa encosta-se ao peito, e com uma vareta bate-se nos dois troços de fio separado pelo que segura a cabaça. Os sons são pois sempre os mesmos, só variando o ritmo.

Para chamar e fazer sinais, usam também cornos de *ngôma* ou *ntuca*, nos quais furam uma abertura perto da ponta, por onde sopram. O som, difícil de obter, ouve-se a grande distância.

Os instrumentos músicos mais apreciáveis para os nossos ouvidos, mas que só se usam no Sul do Território são as *marimbas* — sobejamente conhecidas para que valha a pena descrevê-las. (*Munhambe* em *chitonga*, *timbira* em *chêngüê*).

Os *tongas* de Mambone usam outro instrumento curioso também usado nas ilhas de Bazaruto: — Compõe-se dum cilindro de ferro, geralmente um tambor de óleo ou de tinta, a que se tirou a tampa e o fundo, e de que se fechou uma das aberturas com uma pele tensa como a dum batuque. Ao meio da pele tem um pequeno orifício onde se introduz pelo lado de dentro um fino caniço fixado por meio de cêra. O artista, com a mão metida dentro do cilindro, esfrega o caniço com os dedos molhados, produzindo sons extranhos, talvez um pouco semelhantes aos da ronca. Chamam-lhe *mpuila*.

Em certas danças figuram apenas os homens, noutras apenas as mulheres. No maior número porém dançam os dois sexos, embora ocupando cada um dêles o seu lado. Geralmente os homens formam em semi-círculo dum lado, e as mulheres noutro semi-círculo fronteiro. Em certas alturas do côro, um homem destaca-se do grupo e vem fazer os seus passos ao centro do terreiro, sendo imitado por uma mulher. As combinações porém variam consideravelmente.

As danças são sempre acompanhadas de batuques, com excepção do *catêco* no qual há só vozes e palmas.

Os batuques só de mulheres chamam-se *mafú* e *massongano*. Aqueles em que dançam os dois sexos têm vários nomes: — *muchato*, *chiriro*, etc.

Não têm festas periódicas. Vide o capítulo HISTÓRIA e CRONOLOGIA.